

# AVALIAR PARA QUÊ? AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO DA PRÁTICA DOCENTE

## WHY DO WE ASSESS? ASSESSMENT AS AN INSTRUMENT FOR THINKING OF TEACHING PRACTICE

Andreza Alves de Andrade 1

**Resumo:** Este artigo objetiva descrever sobre a documentação pedagógica e avaliação no cotidiano da educação infantil além de trazer relatos das vivências experienciadas pela autora deste texto, conectando desafios e progressos quanto aos registros em diários, relatos, fotos e vídeos das vivências e aprendizagens das crianças no cotidiano para a documentação pedagógica e escrita da avaliação. Durante o percurso em diferentes instituições escolares foi vivenciado dois modelos de avaliação: as fichas avaliativas e os registros de vivências, nomenclatura utilizada na instituição para substituir o termo avaliação por entender que, este documento traz os registros das experiências, desafios e processos das crianças como protagonista de suas relações e aprendizagens, na qual, cabe ao docente registrar os avanços da criança em participação com ela, respeitando sua subjetividade. Concomitante aos relatos das experiências vividas, autores e textos sobre a temática vem de encontro para relacionar teoria e práticas avaliativas. Acredito que, para o processo avaliativo na educação infantil ocorrer de maneira reflexiva são bases essenciais: sensibilidade, olhar aguçado, diálogo entre os atores deste processo, docente e criança, e o encantamento pelo fazer da docência.

**Palavras-chave:** Avaliação. Educação Infantil. Registros. Criança.

**Abstract:** This paper objectifies to describe the pedagogical documentation and assessment during the daily events in the early childhood education besides bringing experience reports lived by the author connecting challenges and progress about the use of the teacher record book, photos and videos to document and assesses the growth of child learning. During the course in different schools was observed two types of assessment: evaluation forms and experience reports, names used for the institution to substitute the word evaluation, considering that the document brings the child starring experiences, challenges and learning, respecting it subjectivity. The practice of experience reports was associated with authors and texts related to pedagogy, assessment and childhood to elaborate this study. I believe in a reflexive early childhood assessment and the essential foundations are sensibility, accuracy, dialogue between teacher and child and the capacity of enchanting through teaching.

**Keywords:** Assessment. Early Childhood Education. Records. Child.

## Introdução

Na educação infantil, muitos são os conceitos e temas de debates em encontros de formação de professores no intuito de refletir sobre as teorias e práticas pedagógicas, tudo que nelas cabem para construção de uma pedagogia que respeite a criança na sua singularidade. Cotidiano, planejamento, documentação pedagógica, currículo, objetivos, avaliação, entre tantos outros temas, fazem parte da pauta de estudos e reflexões nestes encontros, mas um deles inquieta docentes, a avaliação, que a cada semestre traz novos desafios. Entre alguns deles, um é reunir os relatos, escritas, fotos, vídeos e experiências vividas pelas crianças para a reflexão e escrita da avaliação, e principalmente compreender a escrita da avaliação como um processo contínuo, inacabado, reavaliando constantemente as formas de documentar todo o processo que a criança percorre.

É necessário observar que para avaliar o processo educativo, das crianças e do adulto, é preciso considerar, espaço, tempo, falas, escutas e contextos. Contextos estes que acolhem e são agradáveis com as crianças, na qual, fale da infância com todo o valor que possui, além de buscar conhecer as formas de documentação que são inúmeras, como: diários, fotografias, vídeos, áudios, cadernos de registros, produções das crianças, entre tantos outros meios.

O professor na educação infantil precisa estar em constante formação para a escuta, o diálogo e olhar atento às minúcias do cotidiano com seu grupo de crianças, para garantir que a infância seja respeitada e compreender as múltiplas linguagens que as crianças possuem. O professor atento e encantado pelo fazer de sua docência, permite que o processo avaliativo seja envolto de sensibilidade, com parceria entre todos os protagonistas presentes na escola, crianças e adultos.

O artigo vem retratar sobre os processos para a escrita da avaliação e documentação pedagógica que entrelaça com as experiências vividas em instituições escolares, particularmente como professora regente. O texto conecta os processos pelos quais a autora passou, entre desafios e facilidades na escrita da avaliação e nas formas de registros utilizados. A avaliação aqui é entendida como ato permanente, pois estamos sempre avaliando nossas teorias e práticas, bem como o que estamos a oferecer para as crianças.

## Reflexões sobre avaliação e documentação pedagógica

Avaliação, esse termo traz dúvidas e questionamentos antes mesmo de ingressar nos estudos aprofundados do curso de Pedagogia. A minha trajetória na educação infantil como Professora regente ainda é recente, mas nesse curto período grandes questionamentos passam no cotidiano vivido nas instituições como: Por que avaliar? Por onde começo? O que descrever sobre o percurso das crianças na educação infantil? O que é preciso observar, registrar e avaliar para a avaliação ser coerente e consciente? Quais instrumentos utilizar? Questionamentos pertinentes antes, durante, e depois da formação e principalmente durante o exercício da docência, pois, nem todas as experiências de vida vivida na educação infantil podem ser expressas em palavras e relatos.

Jussara Hoffmann (2000, p. 18) relata sobre a tema em questão:

O tema da avaliação é por demais complexo, justamente, porque é diretamente dependente da observação das crianças em sua exploração permanente do mundo e da aproximação dos educadores com a realidade sócio-cultural dessas crianças, à luz de suas próprias representações, teorias, sentimentos.

Pensar esta complexidade de transpor ao papel experiências, sentimentos, representações e processos das crianças por vezes é desafiador, pois há diversos fatores que podem interferir nesta escrita, entre eles: a dificuldade de alguns profissionais da educação de passar para o papel os processos da criança, os pais que, desejam um relato formal e engessado dos progressos do seu filho(a), e a gestão que, em algumas instituições, impõe o modelo de avaliação em formato de fichas ou de relato apenas para professores seguirem o padrão instituído,

na qual cumprem prazos e regimentos estabelecidos pela escola, preenchem formulários e por vezes não discutem os significados destes registros (HOFFMANN, 2000).

Deve-se refletir a avaliação como um ponto de parada, para reflexão das práticas docentes, do cotidiano, as formas de documentar, de avaliar o trabalho do profissional envolvido diariamente nas vidas das crianças. Auto avaliação do profissional mostra-se eficaz na busca de novos modos de planejar, documentar e escutar a criança, perceber o que ela traz no cotidiano das escolas, tentar compreender como a criança chega a determinadas conclusões, de que forma é possível pensar como a criança pensa, e porque ela reage, age, comporta-se, expressa-se de uma ou outra maneira, o que este comportamento diz sobre seu desenvolvimento, seu explorar o mundo. Estar atento a esses pontos, diria, pontos-chaves, são processos avaliativos que transcendem o fazer pedagógico.

Processos esses que não servem para gerar classificação dessas maneiras de expressão e desenvolvimento, mas de acompanhamento constante, como garantido no Artigo 10 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) “Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação” (BRASIL, 2009, p. 29).

Quais seriam os procedimentos corretos? Há uma única maneira de documentar e avaliar a criança? Certamente não, pois a criança é um ser de infinitas possibilidades que busca explorar e viver sem medo, pois se pararmos para pensar a infância é breve, e enquanto docentes o que estamos propondo para que essa fase extraordinária seja vivida significativamente? Avaliar neste sentido é criar contextos para que gerem oportunidades de aprendizagens que garantam o respeito a criança no seu processo criativo, pois “O principal objetivo da coleta de informações e da avaliação no contexto da educação infantil é interrogar, documentar e fazer julgamentos embasados a respeito da qualidade e da efetividade das experiências de aprendizagens propiciadas às crianças pequenas” (FORMOSINHO; PASCAL, 2019, p. 62).

Criar experiências de aprendizagens com as crianças requer uma reflexão sobre todo o fazer da docência, desde o planejamento, este realizado pelo professor em conjunto com as crianças, que por sua vez trazem diariamente uma gama de curiosidades e dúvidas a serem exploradas com o grupo. Ao estar atento à criança no cotidiano, o professor consegue repensar e replanejar seu planejamento que vai de encontro com a voz ativa da criança. Nesse aspecto o docente irá mediar a sua prática, dar continuidade às ações sugeridas pelo grupo, sendo responsável do professor acompanhar e registrar o desenvolvimento, propor, observar, introduzir, enriquecer e redirecionar as experiências atribuindo significados entorno das narrativas e vivências das crianças na escola.

Pensar em avaliação é considerar todos os processos educativos: planejamento, escuta, observação, registros, documentação. É pensar em espaço, tempo, materiais, sentimento, receptividade, acolhimento e todos os recursos que propiciem o olhar a avaliação enquanto percurso. Para complementar, as Diretrizes Nacionais da Educação Básica, refletem sobre estes instrumentos e seus contextos:

A avaliação é instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre todo o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades (BRASIL, 2009, p. 95).

Ao considerar todos os recursos e a criança como o centro da ação pedagógica e avaliativa reconhece-se a necessidade de compartilhar com as crianças seus avanços, especialmente

por meio da documentação pedagógica e processo avaliativo, como narra Mello, Barbosa e Faria (2017, p. 92) “Com a documentação, se oferece às crianças a oportunidade de se dar conta de suas próprias conquistas, e de melhor interiorizar a experiência vivida”.

Mas, afinal o que é documentação pedagógica e avaliação? Qual a relação nestes dois termos? Como compreendê-los e torná-los potentes na trajetória pedagógica de crianças e adultos? Como traz os autores Mello, Barbosa e Faria (2017, p. 60) “a documentação é toda a coleção de imagens, histórias, desenhos, palavras, ideias e produções de crianças e adultos, surgidos a partir da vida da escola, que são organizados para poder dar uma mensagem a um leitor”. Esta coleção citada é registrada por meios pelos quais o docente sente-se confortável, como já citado em outro momento deste artigo, lembrando que reavaliar as formas de registrar e avaliar na educação infantil são constantemente necessárias. O leitor por sua vez, considera-se a criança, familiares, e comunidade escolar.

Os autores acima citados propõem refletir que “através de documentação, consegue-se valorizar o que é feito com as crianças, explicando e destacando o que acontece na vida cotidiana (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 89). A documentação é compreendida como relatos de um cotidiano das crianças, na qual o professor após o registro, interpreta, reflete e posteriormente reescreve na avaliação os processos documentados sobre o desenvolvimento da criança, suas memórias e fatos vividos na escola, além de trazer para a criança, fotos, vídeos e narrativas para elas refletirem e construir em conjunto este momento de documentação subjetiva.

Registrar para comunicar a avaliação da criança é um ato que coleciona memórias, capaz de mostrar o processo de construção de conhecimento gradualmente conquistado pela criança. A documentação pedagógica vem para somar no processo histórico das crianças, pois “os materiais de documentação que tentam, capturar, organizar e compreender este processo de construção do conhecimento, estarão ao serviço dos principais protagonistas: as próprias crianças (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 64).

A avaliação na educação infantil nos dias atuais não cabe como um mero documento que cumpre as funções burocráticas de escolas. Contém na avaliação partes ainda significativas da documentação pedagógica e para além dela, que descreve o percurso da criança, que até aquele semestre avançou em determinados aspectos, que são contínuos nos próximos semestres e anos narrando toda sua trajetória enquanto sujeito histórico e cultural.

Avaliar consiste em observar, olhar, escutar e buscar a subjetividade da criança, conforme relata Formosinho e Pascal (2019, p. 109) “A avaliação pedagógica assume a proximidade e a subjetividade, e não se preocupa com a objetividade que separa, mas sim com a intersubjetividade que dialoga”. Portanto, olhar sobre a aprendizagem das crianças como processo, e não a verificação de suas habilidades e conhecimentos em momentos descontextualizados.

Compreendemos até aqui que documentação pedagógica e avaliação não são indissociáveis e sim complementares no trilhar da vida de crianças em instituições escolares. No próximo item, a prática vivida pela autora vem amarrar toda a teoria esmiuçada até então, conectando desafios e progressos das escritas de documentação pedagógica e avaliação.

## Relatos de experiências vividas

O caminho a ser trilhado na educação teve início em 2012 como auxiliar na educação infantil, em uma instituição de ensino privado, na qual a avaliação possuía o registro por meio do preenchimento de fichas avaliativas. Cada parte da avaliação correspondia a uma linguagem, com diversos itens/objetivos, dispostos no planejamento anual e trimestral das professoras. Durante o período de um trimestre as docentes observavam e elaboravam atividades correspondentes aos objetivos para as crianças. As professoras, por vezes, demonstravam estranheza com os objetivos propostos para a faixa etária.

Com este estranhamento, anualmente as docentes possuíam como tema de discussão nas reuniões pedagógicas de início de ano a *avaliação*. As professoras relatavam quais objetivos as crianças do ano anterior tinham facilidade em alcançar, e quais estavam desconexos para o grupo, reavaliando a prática pedagógica. Após as reuniões as professoras reuniam-se

para discutir os itens dispostos nos planejamentos anuais, trimestrais e na avaliação para reescrevê-los e encaminhar à coordenação pedagógica. Nos anos que atuava como auxiliar de classe pude acompanhar este processo, na qual, as docentes inseriram-me neste processo de reescrita e reflexão.

No processo de auxiliar as crianças de 3 a 6 anos, em suas vivências no período em que se encontravam na escola, era perceptível quais os objetivos as crianças apresentavam maior facilidade ou dificuldade em alcançar, suas descobertas e inquietações diárias. Com este acompanhamento foi possível expor observações e opiniões sobre os grupos nas reuniões que discutiam os objetivos, planejamento e avaliação.

A gestão refletia sobre alguns questionamentos com as professoras sobre o processo avaliativo como: Os objetivos eram expostos às crianças como um objetivo próprio do professor ou da criança? O professor(a) abordará determinado objetivo quantas vezes para acompanhar o processo da criança? E de que formas diferentes é possível pensar em propostas para trabalhar o objetivo? A reflexão com a equipe de professores, regentes e específicos, era a necessidade de ter um acompanhamento do processo da criança para a avaliação ser elaborada, e não apenas nas semanas anteriores da entrega realizar propostas para preenchê-la, sendo considerado um desrespeito para com a criança. Como complementa Formosinho e Pascal (2019, p. 78) sobre a postura da equipe pedagógica na reflexão sobre a observação das crianças para a escrita da avaliação, “É importante que as avaliações de uma criança não sejam feitas com base em uma única observação, mas em uma série de observações realizadas ao longo do tempo, que capturem a criança em diferentes contextos e atividades”.

Cabe salientar que a avaliação nesta escola está em constante revisão, como em diversas instituições, por ser um documento que traz indagações. Ao dialogar com uma profissional que atua na escola, a afirmação desta mudança é certa, sendo a avaliação uma aliada no processo de desenvolvimento da criança.

Em 2018 começo minha jornada como professora regente em uma instituição com uma proposta pedagógica diferente da escola na qual trabalhava, fazendo-se preciso desaprender, aprimorar, aprender, reaprender e refletir novos conceitos e abordagens pedagógicas, um novo olhar para crianças e os modos de viver a docência de fato. Era preciso compreender que “a documentação cria evidências para a compreensão da criança como ser que sente, pensa, relaciona-se, age, explora, comunica, narra, ou seja, um ser que vive e aprende” (FORMOSINHO; PASCAL, 2019, p. 51).

Eis que durante as conversas a gestão apresentou ao corpo docente o registro mensal e individual, ambos descritivos, visto já por muitas das pedagogas, pois é o formato de registro vivido nas creches e escolas do município, mas estranho a mim, por vir de uma experiência, na época, diferenciada. Como seria possível descrever a criança em 3, 4, 5 páginas e não ter nada para preencher com um X? De que forma eu “avaliaria” a criança sem ter as atividades em folhas A4 mais evidenciadas? E qual a forma mais eficaz de registrar o cotidiano das crianças, na qual eu vivia minha primeira docência?

Passei a compreender que o contexto da educação infantil precisava sair da ótica adultocêntrica, na qual, o professor detém o saber, e costuma condicionar corpos e atitudes, esperando que todas as crianças superem os objetivos e expectativas do professor para compor planejamentos, relatórios, anotações em diários e avaliações. Algumas práticas e pensamentos conscientes e inconscientes faziam parte do meu cotidiano, advindos do contexto cultural e histórico na qual vivi como estudante na pré-escola e demais anos enquanto estudante. Foi preciso aprender a pensar além do contexto da proposta (atividade), como por exemplo, se desafio a criança a encontrar objetos semelhantes, observo não somente se conseguiu ou não, mas quais maneiras que a criança chegou aquela hipótese, quais os movimentos do corpo, falas, expressões, quantas vezes propus propostas semelhantes para observar suas estratégias. Além disso todo o cotidiano precisava ser observado, pois todo o momento vivido nas instituições é pedagógico e rico em significados, como acrescenta Professor Altino José Martins Filho (2020, p. 41) “no dia a dia, nada é banal, nada é rotineiro, mas tudo depende do valor que se dá a cada momento das rotinas e da relação com as crianças pequenas e com as especificidades da profissão”.

Teorias e práticas exploradas na formação de pedagogia e nos cotidianos das institui-

ções trouxeram reflexões e inquietações acerca de diversos assuntos que permeavam a educação básica e, principalmente a educação infantil, dentre as reflexões o modo na qual eu documentaria os percursos das crianças no cotidiano da creche e escola, quais seriam os recursos e fundamentos utilizados por mim e parceiras de sala referência.

Ao conviver diariamente com crianças de 1 a 2 anos de idade, criei familiaridade com algumas formas de documentar. A princípio utilizava do recurso de fotos, vídeos e escrevia em um caderno anotações das propostas, as sensações, expressões e falas das crianças que já comunicavam-se através da linguagem oral, mas, ainda era pouco, o meu olhar não estava atento às minúcias e algo me inquietava. Percebi que anotações, fotos e vídeos, por vezes, soltos sem contexto, não me preenchiam enquanto pedagoga, e como cita Rezende e Sá (2018, p.90) “Cada dado apresentado precisa ser contextualizado, esmiuçado, analisado, ampliado”.

Até então alguns dados eram anotados, e registrados por diversos meios, uns com intuito e outros não, apenas para ter algo anotado e usar em posterior registro avaliativo, até que certo dia uma criança me chama a atenção, na qual a escuta que deu-se a ela, trouxe um significado rico, delicado e cheio de conceitos e encantamentos, “*Certo dia Joana ficou encantada com o reflexo de garrafas coloridas expostas ao sol, nas cores que refletiam no chão e na parede chamando a atenção dos amigos e da professora para que todos vissem o reflexo*” (CADERNO DE REGISTROS, 2018). Este trecho escrito, nas anotações particulares e no registro individual da criança, cujo nome citado é fictício, desafiou-me a olhar as vivências das crianças com outros olhos, pois, mesmo com orientação da gestão a me atentar a pequenos detalhes, expressões corporais, falas e diversas maneiras das crianças se comunicarem comigo, faltava experienciar de corpo *presente e vivo* as reflexões que a crianças traziam até mim diariamente, que trariam novas experiências com a participação e curiosidade da criança. Era preciso lançar um olhar sensível, reflexivo e consciente sobre suas indagações e propostas. Neste dia ampliou-se meu viver a docência, onde compreendi que “chega um dia em que descobrimos, com os olhos emocionados e expressão surpresa, que as crianças são incansáveis produtoras de maravilhas. É aí que descobrimos a necessidade, ou mesmo, o dever de tornar público o que nos acontece” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p. 77).

Ao levar esta anotação com grande entusiasmo até a direção pedagógica fui encorajada a aguçar meu olhar, corpo e ouvidos para buscar compreender o universo infantil. A estimulação foi ainda maior, para ir além de anotações para uma documentação pedagógica, e avaliação, conduzindo a buscar neste trilhar da docência, anotações, fotos, vídeos, relatos de um cotidiano vivido por uma professora atenta às particularidades da educação infantil. Compreendi que

É preciso aguçar o ouvido e refinar o olhar para poder acolher mensagens e indícios expressivos das crianças – suas produções, manifestações, preferências. Aprender a ver além do aparente, construir um olhar implicado é imperioso. Sendo assim, o registro torna-se um instrumento que pode oferecer um caminho possível para tais aprendizagens, ajudando a ampliar a visão, todos os sentidos, para reconhecer e qualificar os processos singulares de meninas e meninos se constituindo enquanto tais nas relações que estabelecem com o entorno (OSTETTO, 2015, p. 205).

Deste dia em diante dei-me conta o quão era necessário potencializar meu olhar, para que o registro surgisse como um instrumento de caminhos e reflexões, para o replanejamento e caminhos a percorrer com o grupo com a subjetividade de cada criança. Percebi que na minha prática com as crianças de 1 a 2 anos, fotos, vídeos e gravações de áudios traziam-me mais contextos e significados durante propostas e rotinas para documentação, planejamento e avaliação. Por meio desses modos de registro captava expressões faciais e corporais, que por vezes no momento dela expressada não havia palavras para descrevê-la, e ao rever registrava

sem perder detalhes do momento.

Por compreender que nos contextos da educação infantil todos são atores do processo, crianças e adultos, após as filmagens e fotos, mostrava para as crianças esses registros para que elas relatassem ou não, suas observações acerca de determinada experiência. No excerto abaixo há o relato de uma criança em uma proposta e posterior reação, descritos na documentação pedagógica da professora e reescrito no registro individual:

Para explorar texturas a professora disponibilizou em uma bacia água com corante azul, bolinhas de sagu no fundo e alguns brinquedos de areia que retratam os animais do fundo do mar escondidos no sagu. Pedro ao ver a bacia com água negou-se a colocar a mão, ao perguntar se queria pegar os peixes falava: “- NÃO DEZA”. A professora começou a esconder os animais, Pedro logo perguntava: “- CADÊ? ESCONDEU!”, dando gargalhadas quando a professora aproxima os animais da bacia. Depois das brincadeiras, criou coragem e mexeu na água, escondendo todos os animais repetidas vezes, refazendo os movimentos da professora (CADERNO DE REGISTROS, 2018).

Ao trazer para a criança suas fotos e vídeos, sentimentos e expressões tornaram-se mais fervorosos. Entre gargalhadas relatava que era “*Um pouco nojento, eca. Mas coloquei a mão né. Eles estavam escondidos, foi engraçado*”. Reviver estes momentos faz com que a criança seja sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, na qual, “Crianças e adultos desenvolvendo atividades e projetos (por meio do pensamento, da ação e da reflexão em companhia) se afirmam como coautores da aprendizagem como uma base para a construção do saber” (FORMOSINHO; PASCAL, 2019, p.31). A criança nesse sentido torna-se protagonista de sua vida vivida no cotidiano da escola, e faz parte da escrita de seus processos de aprendizagem e registros individuais.

Cabe aqui fazer um adendo sobre a nomenclatura utilizada pelo grupo pedagógico da escola em que trago os *registros e experiências* como professora acima, e em posteriores parágrafos. Registro de Vivências e Experiências é o termo elencado para a escrita de uma narrativa individual da criança que é enviada ao final de cada semestre, na qual o próprio nome já exemplifica. Registro de Vivências e Experiências das memórias que a criança perpassou durante o período da escola. Estes relatos abordam narrativas experienciadas no grupo, individualmente e com todos os indivíduos que se fazem presente no seu cotidiano, sendo a expressão comumente utilizada no meu vocabulário ao referir-me a avaliação. Sigo o texto trazendo esta expressão Registro de Vivências e Experiências ao falar dos meus processos enquanto docente na escrita de avaliação, e usando a nomenclatura documentação pedagógica para os registros que são feitos diariamente que unem-se ao processo avaliativo.

Com a documentação pedagógica em mãos, iniciou-se o período de escrita dos Registro de Vivências e Experiências das crianças, e a reflexão que se fazia era: Como reunir em algumas páginas o desenvolvimento e experiências do cotidiano vivido pelas crianças durante aproximadamente seis meses? Utilizando alguns parágrafos introdutórios presentes no registro mensal, descrevia sobre as reações, processos, das crianças em determinada proposta, e acontecimentos do cotidiano.

Penso ser fundamental conter no início do Registro de Vivências e Experiências os documentos que norteiam o trabalho pedagógico da escola, para conhecimento dos familiares para compreensão deste trabalho e construção da identidade da escola, bem como as características de desenvolvimento da faixa etária da criança e as linguagens mais a floradas naquele período.

Na continuidade da escrita dos processos e progressos da criança após a introdução, uni-se a documentação pedagógica entrelaçando tantas memórias, escutas, olhares e observações vividas. Como um exemplo, no grupo de 1 a 2 anos, uma criança possuía sensibilidade

para tocar em texturas diferentes das habituais (areia, barro, pedra), como sagu cozido, bolas de gel, gelatina, entre outros elementos. No registro individual a professora busca trazer todos os momentos em que foram oferecidos elementos diferentes com o intuito de ampliar a linguagem tátil e os processos de aceitação que ocorreram pelo caminho. Por vezes o corpo enrijecido e distante da proposta era perceptível, ora confortava-se próximo da professora para observar de perto, e aos poucos, no seu tempo, o toque a textura diferente tornava-se confortável e prazerosa ampliando para novas possibilidades e brincadeiras.

No Registro de Vivências e Experiências relatos dos movimentos experimentados e descobertos pelas crianças são narrados com clareza para que famílias compreendam o caminhar que acontece na instituição. Abaixo segue um trecho de um Registro de Vivências e Experiências individual, na qual, mostra-se o processo vivido por uma criança da turma de 3 a 4 anos,

Muitos foram os desenhos de observação realizados pelas crianças neste semestre, a arte de desenhar não é algo inato, e sim adquirido ao longo de sua experiência e vivências, estas que em nossa escola são estimuladas diariamente, para que a criança expresse seus pensamentos em um emaranhado de linhas, traços, círculos e pontos, e com a espontaneidade de representar no desenho por observação ou criação: objetos, animais, plantas e o que mais a imaginação permitir, sendo um processo que em toda sua trajetória será ampliado.

Na primeira proposta de desenho de observação, Bruno escolheu registrar um dinossauro, pois estávamos em um projeto com este animal presente. Para desenhar ele logo entrevi a professora: “-Ei, Deza, mas eu não sei desenhar certo”. A professora explicou que cada criança e adulto desenha do seu jeito, que era para ser algo divertido e prazeroso, e que não precisasse se preocupar se estaria certo ou errado, o importante era ele ficar feliz com seu desenho. Ele então pediu ajuda para a professora: “-Você pode me ajudar a desenhar?”. A professora o encorajando respondeu que sim, mas que ela tinha certeza que ele conseguiria sozinho. Sorrindo Bruno iniciou seu desenho, com olhares atentos ao dinossauro. Enquanto desenhava relatou a professora sorrindo: “-Aqui estão os dois olhos. É o “espinhossauro”.

Na proposta de desenho de observação de folhas afirmou a professora: “-É do meu jeito né Deza, aí vai ficar certo, não é?”. Em outro dia em que as crianças observaram frutas que fazem parte da alimentação dos dinossauros herbívoros, Bruno expressou-se através da pintura, gestos e movimentos livres e felizes. E a afirmação “-Eu não sei desenhar certo” já não faz mais parte de seu vocabulário (CADERNO DE REGISTROS, 2019).

A criança do relato acima entrou na escola ao completar 4 anos, no mês de agosto. Com ele veio uma bagagem imensa de conhecimento e muita, muita curiosidade com o ambiente novo e sua dinâmica, experiências e processos do cotidiano vivido na instituição relatados com ele e para família, que compreende melhor este processo. Sendo assim, as documentações do professor servem para mostrar todas as relações que acontecem com a criança dentro da escola seus avanços, e não somente de forma poética e exclusiva entre professor, criança e instituição, mas para ampliar aos pais os fazeres da vida cotidiana, agregando o valor e respeito das famílias para com o trabalho docente, e compreensão do desenvolvimento de seus filhos, de ver e reconhecer suas falas, gestos e atitudes. Conhecer o que se passa dentro da escola

e sentir-se pertencente àquele lugar em que confia suas crianças (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017).

Ao escrever e documentar pensa-se na particularidade de cada criança, sem comparação às demais do grupo, entendendo que o processo de aprendizagem e descoberta de mundo acontece de maneira única. Para Mello, Barbosa e Faria (2017, p. 103) “é preciso uma capacidade de investigação que saiba aguçar ao máximo os significados e técnicas de observação, documentação e interpretação dos processos de aprendizagem das crianças e de cada criança em particular”. O processo de documentação e Registro de Vivências e Experiências individuais traziam a subjetividade de cada criança, bem como as relações com os pares. Ao pensar nos leitores da narrativa dos registros, eis que no grupo de 1 a 2 anos encontrava-se comigo e minha parceira dois irmãos gêmeos e duas irmãs gêmeas, com os mesmo leitores adultos e a incerteza de estar evidenciando as características de cada criança em específico. Dúvidas que permearam por ser a primeira escrita como professora regente de um Registro de Vivências e Experiências individual.

Ao encaminhar esses registros a direção pedagógica houve um pedido, que observasse a clareza de detalhes de cada criança, e principalmente dos irmãos(ãs) gêmeos (as). Logo a equipe pedagógica tranquilizou-me ao reler as narrativas, e apontar que havia respeito quanto a subjetividade de cada criança. No momento da entrega destes registros às famílias, que acontecia em reunião individual previamente marcada, por não escolher o caminho da comparação, na entrega dos registros dos irmãos gêmeos relatei a familiar presente os processos de uma criança e depois da outra. A tranquilidade veio ao sorriso da mãe, que confessou que havia medo dentro de si, de na instituição as crianças serem comparadas, e que naquele dia foi tranquilizada ao perceber que a equipe pedagógica possui olhar atento e aguçado a cada criança.

O pensamento de Luciana Esmeralda Ostetto (2015, p. 206), vem ressaltar a autoria do professor como “aquele que documenta dá a conhecer o seu olhar, o seu pensamento e, ao mesmo tempo em que materializa sua interpretação sobre fatos, acontecimentos e experiências, transforma a memória em dados abertos à interpretação de outros”.

No ano seguinte, com um grupo de crianças de 3 a 4 anos, as maneiras de documentar e registrar foram remodeladas. Fotos, vídeos, áudios ainda faziam parte dos instrumentos de documentação, mas algo chamou atenção da professora como grupo de crianças maiores, que vem de encontro com a citação de Mello, Barbosa e Faria (2017, p. 105) “observamos, documentamos, tentemos refinar o olhar: como as crianças interpretam essa nossa maneira de ‘ser professores’? Que significados atribuem ao ato de documentar?”. Essas perguntas vieram de encontro com o vivido no cotidiano do chão da escola. Ao estar a observar e registrar por diversos meios as interações e descobertas das crianças, e apresentá-las posteriormente no registro mensal, nas fotos e vídeos da semana no computador para síntese de memória, nas mini-histórias e no Registro de Vivências e Experiências, as crianças compreenderam que aqueles registros ganham significados e contextos, que suas experiências ganham vozes e são valorizadas. Ao perceber isso algumas crianças do grupo ao construir estruturas ou experienciar algo, pediam a professora que batesse fotos, fosse a escriba de seus relatos, além de pedirem para imprimir essas imagens para colocar na sala com a escrita da professora, identificando-se como autores de suas aprendizagens.

Ao organizar a documentação pedagógica do semestre e o Registro de Vivências e Experiências individual na pasta de vivências das crianças do grupo de 3 a 4 anos, com o auxílio delas, memórias vinham a tona, sorrisos, saudades, olhares e narrações de um processo vivido com respeito, neste sentido “a criança reflete sobre seus pensamentos, processos ou ações, aprende a compreender-se a comprometer-se. É um interessante diálogo, entre autor e espectador, onde um se funde com o outro, como se fosse um reflexo onde um se encontra nos olhos do outro” (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p.79).

Neste sentido, compreender, estudar e reavaliar as formas nas quais acontece o processo de documentação pedagógica e avaliação na educação infantil, é compreender a riqueza de significados que estes registros trazem para docente, criança, família e comunidade. Pois eles, narram a história de cada sujeito, construindo sua identidade, bem como de todos os

protagonistas desse processo de estar na docência e encantar-se cada dia mais com ela e suas minúcias.

Para finalizar trago Severino Antônio e Kátia Tavares (2013, p.16): “Cada criança é feita da matéria-prima do mundo, da circulação da vida, das circunstâncias históricas e sociais, mas ao mesmo tempo, feita de sonhos, movida por desejos e sentidos que descobre ou atribui à vida”. Que sejamos enquanto educadores capazes de registrar e narrar os sonhos e sentidos que as crianças encontram ao explorar a vida no seu cotidiano da educação infantil.

### **Considerações Finais**

Portanto, as práticas de documentar e avaliar necessitam ser constantemente refletidas por docentes, garantindo a escuta e observação atentas às crianças, garantindo a participação das mesmas em seus processos de aprendizagem, como autores de suas histórias, respeitando suas trajetórias e das famílias com sensibilidade e sinceridade nos processos de escrita.

Refletir que os recursos utilizados pelos docentes para o processo avaliativo são inúmeros, cabe a cada um identificar sua particularidade de documentação, de acordo com a faixa etária que atua e materiais dispostos na instituição. Diários individuais, registros fotográficos, vídeos, áudios, produções das crianças, grande livro, são materiais que narram o percurso da criança e do professor, este que precisa buscar compreender qual é o seu repertório de infância, que tipos de registros e avaliações eram feitos sobre o próprio docente, para assim, perceber o que o seu olhar alcança, suas maneiras de documentar, avaliar e perceber quais são suas memórias, e quais e como irá tecer as memórias do seu grupo de crianças.

Sendo assim, desafios e progressos no planejamento, documentação e avaliação mostra o perfil do profissional que autoavalia suas teorias e práticas, a fim de buscar novos olhares e caminhos no fazer a docência na educação infantil, que respeite as singularidades de cada sujeito presente neste contexto.

### **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na escola pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 8. ed.

MARTINS FILHO, A. J. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. **Documentação Pedagógica: Teoria e Prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; PASCAL, C. **Documentação Pedagógica e Avaliação na educação Infantil – Um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.

OSTETTO, L. E. **A prática do registro na educação infantil: Narrativa, memória, autoria**. Revista @mbientação, v.9, n.2, jul-des. São Paulo: Unicid, pp. 2015. 202-2013.

REZENDE, T. C; SÁ, V. R. G. **Infância, liberdade e acolhimento: experiências na educação infantil**. São Paulo, Summus, 2018.